



Milágrimas

ELIANA RODRIGUES SILVA

Eliana Rodrigues Silva é pós-doutora pela Université de Paris 8, Doutora em Artes Cênicas, professora do Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas, ex-Diretora da Escola de Dança, UFBA. Avaliadora de cursos pelo INEP/MEC. liarodrigues1@hotmail.com

■ RESUMO

A presente resenha trata do espetáculo *Milágrimas*, produzido pelo projeto Dança Comunidade do SESC São Paulo, sob direção geral e concepção coreográfica de Ivaldo Bertazzo para um grupo de jovens moradores de periferia, em situação de risco.

■ PALAVRAS-CHAVE

Artes Cênicas; Dança; Coreografia; Análise Crítica.

■ ABSTRACT

This review approaches the dance concert *Milágrimas*, produced by the social project Dança e Comunidade, SESC São Paulo, directed and choreographed by Ivaldo Bertazzo for a group of teenagers, living in suburb areas in a dangerous situation.

■ KEYWORDS

Theatrical Arts; Dance; Choreography; Critic Analysis.

Milágrimas

DIREÇÃO GERAL E CONCEPÇÃO

Ivaldo Bertazzo

ASSISTENTE DE DIREÇÃO

Inês Bogéa

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO

Luiz Nogueira e Martha Oberst

DIREÇÃO MUSICAL

Arthur Nestrovski e Benjamim Taubkin

ILUMINAÇÃO

Pedro Pederneiras

FIGURINO

Cláudia Kopke

CENOGRAFIA

Marina Saleme e Pedro Pederneiras

COREOGRAFIAS, CONCEPÇÃO COREOGRÁFICA

Ivaldo Bertazzo com a participação do Corpo de Dança

COREÓGRAFOS CONVIDADOS

Sawani Mugdal e Zibolene Derrick Mlambo

ASSISTENTE DE COREOGRAFIA

Suzana Mafra

MÚSICOS

Arthur Nestrovski, Benjamim Taubkin, Kholwa Brothers, Anelis Assunção, Sapopemba, Zeca Assunção, Dimos Goudaroulis, Teco Cardoso, Ari Colares, Sérgio Reze, Sacha Amback, Alice, Ruiz.

DANÇARINOS

Amanda Cristhiewen, Anderson Dias da Silva, Angélica Pursino, Ariane dos Santos, Camila Azanha, Carlos Roberto Macedo, César Cerqueira, Danielle Gico, Deividson Oliveira, Dheize Paloma da Silva, Douglas de Souza, Fabiano Baptista, Fabíola Luiza da Silva, Fernanda de Sousa, Gilson Marciano, Gislany Camporeis, Gislene Santos, Jennifer dos Santos, José Edson de Lima, José Mario Candido, Josenilton s da Silva, Kátia de PAIVA, Luana Silva, Lucas Alvino da Silva, Maicon Pereira, Marcio Greyk de Lima, Maria Adrielma da Silva, Marleide da Silva, Mauro Ferreira, Mayara de Souza, Michele Bonifácio, Pablo Diego de Araripe, Rafael Bispo dos Santos, Rubens de Oliveira Martins, Sâmara Souza, Sidney Pereira, Silvana Santos, Vanessa de Souza, Wanderley da Silva

ESTRÉIA DO ESPETÁCULO

Novembro de 2005 no SESC Pinheiros

Em 2005, O Projeto Dança Comunidade, promovido pelo SESC SP teve como objetivo principal oferecer a um público de jovens carentes e em situação de risco, moradores da periferia de São Paulo, a oportunidade de vivenciar pela arte, a transformação social. Durante quatro meses, 45 jovens tiveram aulas de lingüística, fisioterapia, história da dança, música, saúde e sexualidade, dança indiana, dança africana, reeducação do movimento, coordenação motora, além de outras atividades multidisciplinares, como leituras, discussões, debates, visitas a exposições e assistência de espetáculos.

É inegável a importância social de projetos dessa natureza. Os jovens levam de volta o que aprendem ali e têm a oportunidade de restaurar sua auto-estima. Mostra-se assim, de uma forma honesta, até onde a educação pela arte pode chegar. Além do alcance social, também aquele que vai de encontro à violência. Como diz Maria Lúcia Montes, no livro *Tenso Equilíbrio da Dança na Sociedade* (que é também um dos resultados do Projeto): “Contra a sedução do crime, a sedução da arte. Contra a excitação da viagem das drogas, a excitação do desafio da criação”.

No vídeo produzido sobre o processo de criação e montagem do espetáculo Ivaldo Bertazzo, coreógrafo com longa estrada em São Paulo, dirige o espetáculo e define esses jovens como cidadãos dançantes, não só porque são “... indivíduos que se dispõem a conhecer melhor as possibilidades de movimento do seu próprio corpo e por isso são cidadãos plenos, mas também porque se transformam em alguém que, por meio da arte reposicionam seu lugar na sociedade.”

É um corpo que investe com muita vontade e coragem para, de alguma forma, resistir à fragmentação e à instabilidade do mundo em que vive.

Milágrimas teve sua estréia em novembro de 2005 no belo teatro do Sesc Pinheiros e desde então tem sido sucesso absoluto tanto em São Paulo como em diversas capitais brasileiras.

Para a belíssima trilha sonora foram convidados os cantores Kholwa Brothers, da África do Sul, com o seu canto à capella, Anelis Assumpção e o grupo Sapopemba, os diretores musi-

cais Benjamim Taubkin e Arthur Nestrovski, o instrumentalista Zeca Assumpção e outros além da poetiza Alice Ruiz (autora do poema que dá nome ao espetáculo). Na feitura da trilha, participaram também os dançarinos do espetáculo.

Muitas leituras podem ser feitas ao assistir esse espetáculo. Podemos seguir os princípios básicos da análise crítica a partir da descrição, da avaliação, da interpretação e da contextualização. Contudo, me chama a atenção um aspecto que penso ser o cerne dessa construção artística: o corpo desses jovens dançarinos. Mas enfim, que corpo é esse?

Um primeiro olhar nos diz que é um corpo brasileiro; é jovem; morador de periferia e em situação de risco; é um corpo em formação e, portanto está aberto às descobertas; por outro lado como ator urbano de um entorno específico, já traz todo um repertório gestual e cultural próprio.

Não é possível apenas “colar” nesse corpo uma técnica específica, mas dar a volta a partir das suas descobertas, sempre utilizando o que esse corpo já traz, estabelecendo aí o dever da memória em negociação com o dever da descoberta.

Um segundo olhar sobe a construção desse corpo nos leva a fazer relações com o que nos diz David Le Breton (1995). Ele propõe que consideremos, em uma síntese sistêmica, que a imagem do corpo é: “a representação que o sujeito faz do corpo; a maneira como lhe aparece conscientemente através do contexto social, cultural e de sua história pessoal”. Le Breton apresenta então os quatro eixos de representação da imagem corporal, que são estruturais e interdependentes, relacionados ao contexto social, cultural, interpessoal e pessoal, que são:

- *Forma*: sentimento de unidade das diferentes partes do corpo, de apreensão como um todo de seus limites precisos no espaço;
- *Conteúdo*: a imagem do corpo como um universo coerente e familiar no qual se inscrevem sensações previsíveis e reconhecíveis;
- *Saber*: o conhecimento que o sujeito possui, acerca da

idéia que a sociedade em que habita tem da espessura do corpo, qual é a sua constituição, como se organizam os órgãos e as funções.

· *Valor*: é a interiorização que o sujeito faz do juízo social a respeito dos atributos físicos que o caracterizam (belo ou feio, jovem ou velho, alto ou baixo, magro ou gordo) segundo a classe social e a história pessoal que estrutura sua relação com o mundo, o sujeito apropria-se de um juízo que marca com sua estampa a imagem que ele faz do seu corpo e sua auto-estima.

Penso que tudo isso é trabalhado nesse processo de criação e são elementos constitutivos do corpo em cena, da restauração da auto-estima e da noção de comunidade e cidadania para esses jovens. Convido vocês a olhar trechos da coreografia a partir desses parâmetros.

A coreografia é montada para um grupo grande e tem muitas seqüências em uníssono.

Os jogos espaciais são ricos e precisos. Bertazzo, como em outros trabalhos dessa natureza como *A Rua do Encontro* e *Dança das Marés*, prefere uma movimentação mais simples em prol dos efeitos coletivos e talvez esteja aí o ponto forte dessa criação.

A dança construída pode ser chamada de uma dança de fusão, pois utiliza elementos da dança moderna, das danças africanas, indianas (*kathak, odissi e baratha natyam*), o samba, o rap, as danças de rua, a capoeira. Enfim, uma feliz combinação do que traz Bertazzo e, sobretudo, do que trazem os jovens, pois o processo de criação é conjunto.

O espetáculo está construído em 14 cenas que se dividem em três grandes blocos.

1. Cenas de temática africana, que vai tratar dos cantos e das danças de raízes desses corpos.
2. Cenas sobre os escravos, sua chegada, a mistura com outras culturas e perda de identidade.
3. Cenas sobre o urbano contemporâneo, que traz o jovem para a sua realidade do “aqui-agora”, com suas refe-

rências gestuais e de movimento. (a licença poética dos macacos)

Contardo Calligaris, na apresentação do vídeo produzido também pelo projeto nos diz que “*Milágrimas* é uma pequena história do corpo, a história pela qual os corpos africanos se perderam e se transformaram, deixando restos e rastros nos corpos da vida moderna e cotidiana”.

Há uma questão sobre os espetáculos de Bertazzo e outros dessa natureza (o que está muito bem discutido no livro de Silvia Soter *Cidadão Dançante*). Pergunta-se se é um espetáculo com dançarinos amadores ou profissionais e eu retorno com outra pergunta: Isso importa? A única regra para uma obra de arte é o critério do êxito como diz Pareyson. Isso, sim, importa. O êxito está não apenas no produto artístico que é ótimo, mas também no alcance de seus resultados sociais.

Para terminar deixo vocês com a fala de Ferréz, que nasceu em Capão Redondo e é autor dos livros *Capão Pecado* e *Literatura Marginal*, convidado a escrever sobre esse projeto do SESC, também parte do livro *Tenso Equilíbrio da Dança na Sociedade*. O autor se coloca na voz de um desses jovens e nos diz:

“Eu queria mais falar coisas bonitas, falar mais da luz no fim do túnel, algo assim positivo como Hermann Hesse me ensinou nos seus livros, mas o meu cotidiano, que às vezes me prega peças tão tristes, como olhar uma foto de quinze amigos e ver que somente dois ainda estão vivos, me nega esse direito. Mas embora eu ainda não consiga ver a tal luz, acredito nas pessoas que me disseram que ela está lá, tenho fé nisso, ela está lá como a iluminação daquele teatro, que tenta reproduzir uma vida, dando tons, de mais alegria. A menina bate o pé, a ilusão está formada, ensaios, gritos, preparação, e talvez o começo de uma jornada, e que a dança vai somar pra que demos ao menos uma suspirada de prazer.”

Talvez esteja justamente aí o Milagre da poesia de Alice

Ruiz *Milágrimas*, que dá título ao espetáculo. Retirar da dor, o milagre da arte.

Referências

CAMPELLO, Carmute. (org). **Tenso Equilíbrio da Dança na Sociedade**. São Paulo: SESCSP, 2005.

LAPLANTINE, François. Corps, Métissage et Language. In: FINTZ, Claude (org). **Le Corps Comme Lieu de Métissages**. Paris: L' Harmattan, 2003.

LE BRETÓN, David. **Anthropology du Corps et Modernité**. Paris: PUF, 1995.

JOWITT, Deborah. Beyond Description: Writing beneath the surface. In: ALBRIGHT C, Ann (Ed). **Moving History/Dancing Cultures**. New York: Wesleyan, 2001.

MAUSS, Marcel. Les Techniques du Corps (1936). In: MAUSS, Marcel. **Sociologie et Anthropologie**. Paris: Quadrige/Puf, 1968.

PAREYSON, Luigi. **Os Problemas da Estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SILVA, Eliana R. Dança e Pós Modernidade. Salvador: EDUFBA, 2005.

SOTER, Silvia. **Cidadãos Dançantes: A Experiência de Ivaldo Bertazzo com o Corpo de Dança da Maré**. Rio de Janeiro: UniverCidade ED. 2007.